

# Aula 7

## REGIÕES PETROLÍFERAS – A CONFIGURAÇÃO DA NOVA GEOPOLÍTICA ENERGÉTICA

### META

A meta dessa aula é o aluno entender a importância dos países produtores e exportadores de petróleo e a permanência do consumo energético mundial com base nos hidrocarbonetos, em especial na formação da geopolítica energética mundial.

### OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

- Analisar a importância do petróleo como a principal matéria-prima energética do planeta e da dificuldade em substituir por outra fonte em médio prazo.
- Explicar o alcance estratégico desses países produtores e os conflitos políticos que são suscitados em função de governos autoritários que estão encastelados há décadas nesses países.
- analisar os interesses de empresas petrolíferas, inclusive brasileiras, na busca de novas reservas, bem como no aumento da produção de petróleo.

### PRÉ-REQUISITO

O requisito para cursar essa disciplina é domínio da história e da geografia econômica, além das categoriais centrais da Geografia, como espaço e território.

**José Eloízio da Costa**

### INTRODUÇÃO

Geralmente nos livros de Geografia Regional do ensino médio, a temática da presente aula vem de forma fragmentada e quando focada vem apresentada com conteúdo superficial, com conteúdos meramente estatísticos, comparativos e dentro de um contexto onde o conteúdo político não apresenta de forma verdadeira.

Nessa linha, a nossa pretensão nessa aula é justamente atender e atualizar uma temática infelizmente pouco abordada na geografia, e que infelizmente está configurado por um debate descontextualizado e que pouco contribuiu para atender a real configuração geopolítica do petróleo. Simplesmente afirmar que a concentração da produção e exportação do petróleo compõe a região do Golfo Pérsico ou que a Arábia Saudita se destaca como país que mais importante na dinâmica dessa atividade econômica, isso não quer dizer nada.

É dentro dessa argumentação que estamos propondo nessa aula, não necessariamente na tentativa de fazer mera indicação geográfica dos principais países produtores, mas sim como proposta de fornecer uma abordagem mais crítica em relação à geopolítica do petróleo.

É o que veremos em seguida.

Uma primeira advertência é que o aluno poderá observar, relacionar-se sobre a importância da “questão petróleo” nos últimos quarenta anos na qual tem repercutido de forma significativa com a eclosão de crises do sistema capitalista.

Assim, a crise de 1973, com a Guerra do Yom Kippur, a de 1979, com a revolução iraniana, a Guerra do Golfo em 1991, e mais recentemente com a ocupação do Iraque, a partir de 2001, todos esses fatos tem contribuído no que estamos chamando de “ciclos das crises do petróleo”, com forte influência no comportamento da economia mundial e do poderio geopolítico de alguns países, não apenas entre produtores, mas também entre os maiores consumidores e que são justamente os países centrais.

Pelos dados presumidos, a produção diária de petróleo gira em torno atualmente em 90 milhões de barris de petróleo, e não seria apenas o Oriente Médio como região estrategicamente produtora de petróleo no mundo.

Mais relevante quando o petróleo, ao menos em médio prazo, será ainda a principal fonte energética que movimenta a economia mundial, representando mais de 70% do consumo energético. E se somarmos com os demais recursos como carvão mineral e gás natural, chegam-se a 90% de consumo de energia no mundo.

Em relação ao petróleo, essa fonte tem suas vantagens energéticas e do uso variado em escala industrial, gerando centenas de sub-produtos, como afirma SALVADOR e MARQUES (2003:2):

“De facto, várias são as vantagens do petróleo como combustível ou como matéria-prima face a outros produtos. Desde logo o seu rendimento calorífico-energético por unidade de volume é superior ao dos restantes combustíveis fósseis...Mas o mais significativo será o facto de o petróleo, depois de refinado, dar origem a numerosos subprodutos como o fuel, a gasolina, o gasóleo, a benzina, lubrificantes, vários tipos de plásticos, sendo mesmo usado em fibras têxteis, detergentes ou medicamentos.”

Ou seja, ainda estamos longe de não dependermos desse recurso natural não-renovável e tão rico no uso industrial.

Por outro lado, nos últimos anos outras áreas se destacaram na produção e exportação de petróleo, e mais importante, praticamente todas elas concentradas em territórios que integram os países periféricos, como vastas áreas do continente africano, no mar Cáspio, Ásia Central, e é claro, das Bacias Marítimas do Brasil.

Dessa maneira, uma primeira questão relaciona-se com a expressão geopolítica do petróleo ou simplesmente geopolítica dos recursos energéticos. É importante que o aluno de Geografia entenda esse novo ramo do conhecimento, que não seria apenas da nossa disciplina, mas integra disciplinas importantes, como a Ciência Política e a Geologia, como pode observar essa questão, mesmo de caráter introdutória, na enciclopédia eletrônica Wikipédia, em que a Geopolítica:

“é um campo de conhecimento multidisciplinar, que não se identifica com uma única disciplina, mas se utiliza principalmente da Teoria Política, e da Geologia e Geografia ligado às Ciências Humanas, Ciências Sociais aplicadas às ciências da natureza.

Logo, a Geopolítica do Petróleo antecipa qualquer discussão em relação a questão energética (logo, econômica) na medida em que o conteúdo político representa maior importância, como bem afirma Daniel Yergin, co-fundador da Cambridge Energy Research Associates, da Inglaterra: “o petróleo é 10% de economia e 90% de política”.

Nesse primeiro aspecto é que vamos inserir o alcance do interesse político em nível mundial da questão do petróleo.

## OS CONTORNOS GEOPOLÍTICOS DO PETRÓLEO

Como dissemos acima, não é fácil fazer uma análise em poucas páginas sobre o alcance geopolítico do petróleo, quando estamos tratando de um tema altamente explosivo que envolve poder do Estado, o principal recurso energético do planeta e os atores políticos que estão envolvidos nesse processo, principalmente os presidentes e líderes políticos dos países produtores e exportadores.

Ora, se estamos tratando de geopolítica do petróleo, é evidente que os interesses territoriais aparecem como primeiro elemento central de análise. E nele, os interesses corporativos de interesses regionais, aparecem como consequência. Daí a criação da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), criado em 1960 e que representa os interesses dos países do Oriente Médio, Norte da África, Sudeste Asiático e um país sul-americano.

É evidente que até os dias atuais, a presença da OPEP na definição das “cotas de produção” e dos preços do barril do petróleo é fundamental. Mas a entidade no passado teve mais poder, não porque o petróleo perdeu importância como fonte energética, mas observamos atualmente maior diversidade de produtores, que não seria apenas a OPEP, mas outros países se destacam na produção e exportação, contribuindo na diminuição do poder da entidade e no aumento da oferta do produto no mercado internacional.

Logo, o foco não seria mais o Oriente Médio, onde estão situados os países mais importantes da OPEP, juntamente com os localizados no Norte da África, mas outras áreas, isso até mesmo o Brasil.

Nesse entendimento, os contornos geopolíticos operam de forma determinante onde elementos de natureza territorial, o poderio tecnológico, a presença de empresas transnacionais que operam no segmento petrolífero e principalmente da importância das grandes lideranças políticas, articulam-se contraditoriamente, além, é claro, da estratégia do poder militar nas regiões produtoras.

Dessa maneira, um primeiro aspecto relaciona-se com o próprio alcance geopolítico dessa atividade, que nada mais que é do propriamente da ação do Estado sobre o território e da busca de sua soberania política e econômica. E nos parece que a questão do petróleo tem tudo a ver com isso.

Ou seja, a abordagem territorial do petróleo tem a ver com a ação direta dos Estados Soberanos que utilizam esse poder para confrontar o apetite energético dos países consumidores, em especial dos Países Centrais, a maior parte deles importadores do hidrocarboneto, portanto, de certa forma “dependente” de alguns países periféricos.

A luta pela defesa do petróleo se tornou como uma bandeira nacionalista em defesa de seus recursos econômicos de maior valor. E nesse aspecto, a busca pela estatização de empresas que exploram petróleo, ou a institucionalização do monopólio de seu processo de produção, seria uma das saídas econômicas desses países.

É natural que os conflitos teriam que surgir, quando sabemos que grandes empresas que operam em vários segmentos do ramo industrial do petróleo, na qual tem suas sedes nos Países Centrais, necessitam sempre de novas áreas de exploração para atender suas necessidades internas.

O que temos como um dos resultados, a tentativa de quebra da autonomia desses países em dar exclusividade na exploração e a ingerência dessas empresas, que muitas vezes utilizam o recurso das pressões políticas dos países mais ricos para que cedam áreas de exploração. Foi o que ocorreu

no Brasil durante o governo Fernando Henrique Cardoso, que quebrou o monopólio do petróleo e atraiu grandes empresas para atuar na exploração.

O mais interessante é que esse quadro pode facilmente reverter e haver nova estatização, como ocorreu mais recentemente com a Venezuela e a Bolívia. Nesse aspecto, se temos de um lado, a pressão internacional de buscar cada vez mais petróleo, com uso até mesmo da força militar (é o que ocorre com o Iraque) por outro lado, inevitavelmente esse poder poderá ser favoráveis aos países produtores, muitos deles pobres.

Nessa mesma esteira é que agregamos mais elementos, além desses que consideramos como temas “clássicos” da geopolítica do petróleo.

Um deles relaciona-se com a possibilidade de esgotamento do petróleo e com ele do desenvolvimento de novos padrões tecnológicos para recuperação dos poços de petróleo já exauridos. Nesse segmento, muitas empresas se especializaram, o que poderá criar uma nova mentalidade no processo de exploração do petróleo e naturalmente dando mais “vida” ao recurso.

Por outro lado, novas áreas produtoras são adicionadas e que antes seriam praticamente impossíveis de serem exploradas, em função dos altos custos de exploração e do uso de um recurso tecnológico extremamente avançado. É o que ocorre, por exemplo, na exploração em águas profundas, ultra-profundas e agora do fenômeno do pré-sal. Essa nova formatação geopolítica naturalmente alterará o curso do poder dos Estados Produtores, Empresas Transnacionais de Petróleo e os Países Consumidores.

E nessa nova configuração, o Brasil poderá na próxima década destacar como um das referências mundiais em exploração, exportação e detentor de uma maiores reservas mundiais de petróleo.

Dessa maneira, de que forma poderemos fazer a nova leitura, que vai além do conhecimento obtido através da mídia sobre a temática? Acreditamos que países como os Estados Unidos e alguns países europeus estarão voltados ao Atlântico Sul. Por dois aspectos interessantes: as abundantes reservas do Pré-Sal Brasileiro e a possibilidade econômica de exploração, e naturalmente da existência de reservas desses recursos nas terras geladas da Antártida.

Não é para menos que a IV Frota da Marinha Norte-Americana já demonstra interesse em realizar suas manobras militares em águas próximas ao litoral brasileira, o que poderá comprometer o equilíbrio geopolítico do Atlântico Sul na medida em que essa região é a única do planeta desnuclearizada. É evidente que a presença norte-americana vai gerar toda uma série de problemas com as demais potências, como a Rússia e a China, que estarão interessadas nessa região.

O aluno deve observar que o tema é complexo e merece um melhor aprofundamento. Mas preferimos apenas provocar para estimular novas leituras e debates sobre a questão do petróleo.

## PETRÓLEO: UMA MISTURA DE GANÂNCIA E AUTORITARISMO POLÍTICO

É fácil constatar os poderes que rodeiam a questão do petróleo nos dias atuais. E nele o aluno deverá aprender que o tema é dinâmica, muda constantemente, e elementos da diplomacia como ameaças, chantagens, agressões verbais e “brigas internacionais” em fóruns supranacionais (ONU, FMI, OMC, etc.), demonstram como estamos tratando de um tema altamente explosivo. Daí a importância de ler esse tema além da Geografia.

O que poderemos também enfatizar é que o preço do barril de petróleo é cada vez mais elevado, em função, por exemplo, do consumo absurdo de países em forte crescimento econômico, como a China. Este país se tornou um “dragão” em consumo de petróleo e seu apetite é insaciável. O que torna até mesmo preocupante, pois não teremos tanto petróleo assim em menos de 20 anos.

Como não temos perspectivas nenhuma de substituição por outra fonte energética a curto e em médio prazo, como enfatizamos acima, quem tiver petróleo em seu subsolo poderá ditar as regras do xadrez das relações internacionais. Ou em outras palavras, o petróleo aumentará o apetite dos poderosos situados nos países periféricos, e da possibilidade do fortalecimento de líderes autoritários com discursos nacionalistas, de defesa dos interesses nacionais.

Isso já ocorre em nossos dias, e esperamos que o Brasil não entre na armadilha do canto da sereia do autoritarismo nacionalista. Não há necessidade para isso, pois podemos considerar o Brasil um país de democracia consolidada, mesmo que tenhamos ainda sérios problemas sociais, não haveria motivo para isso. Afinal autoritarismo cheira em curto prazo a fascismo e esse será o pior dos mundos.

## CONCLUSÃO

Nestes termos é importante a análise Geografia dentro de uma perspectiva crítica a questão geopolítica do petróleo, o que procuramos analisar foram alguns elementos, considerados elementos novos, para entender a abordagem da geopolítica do petróleo.



## RESUMO

Para finalizar nossa aula, a nossa preocupação é suscitar ao aluno apresentando um tema tão multidisciplinar como desenvolvido acima. Por outro lado sabemos da importância da Geografia em estudar dentro de uma perspectiva crítica a questão geopolítica do petróleo, o que procuramos analisar foram alguns elementos, considerados elementos novos, para entender a abordagem da geopolítica do petróleo.

Logo, a simples menção de localizar as regiões produtoras, o volume de produção, exportação e consumo, somente isso, no nosso entendimento empobrece a temática, que toma novos contornos em nossos dias e que vai estabelecer certamente novos arranjos geopolíticos, onde o Brasil poderá fazer parte desse embaralhado e complicado jogo de xadrez das relações internacionais de poder.

Que o aluno vá além dessa aula. Boa leitura!



## ATIVIDADES

1. Faça um levantamento geral sobre a OPEP nos seguintes aspectos: quais os países membros, qual a produção média, e como se estrutura a entidade (organização administrativa, sede e faturamento bruto anual). Realizar, se possível, pela internet.
2. Faça também uma pesquisa porque muitos países produtores de petróleo buscam sempre a “Estatização” de sua exploração e a permanência de seu “Monopólio”. Utilize os recursos das palavras-chaves do Google.
3. Quais os maiores países produtores e exportadores de petróleo? Também faça essa pesquisa pela internet, se possível com dados mais atualizados.

## COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

O tema da aula revela a dinâmica da globalização e a importância debate sobre os recursos energético na escala global-local.



### PRÓXIMA AULA

Dando continuidade ao nosso curso de Geografia Regional – Países Periféricos, na próxima aula vamos trabalhar com o tema sobre a América Latina e a África Negra, duas macro-regiões importantíssimas em nosso curso, por apresentar singularidades e particularidades que o diferenciam em relação aos demais regiões periféricas do planeta.



### AUTOAVALIAÇÃO

Mesmo que a literatura ainda não esteja consolidada em relação ao tema da aula, opino pela continuidade do tema e avalio o que colocamos nessa aula apenas como uma mera introdução.

### REFERÊNCIAS

- RODRIGUES, J. Caleia. **A Geopolítica do Petróleo: anatomia dos Conflitos, Diplomacias, Seguranças, Soberanias**. Lisboa/Portugal: Atelier de Livros, 2000.
- SALVADOR, Regina e MARQUES, Bruno Perreira. **Geopolítica do Petróleo: de Estrabão à(s) Guerra(s) do Iraque**. s/d. Lisboa, 2003.
- WIKIPÉDIA, Geopolítica. <http://pt.wikipedia.org>. acessado no dia 13 de julho de 2011.